

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

Está-se arrastando a solução da questão presidencial. Passam as semanas e os meses, e a nada se chega de concreto. Estranhavam e condenam a demora os jornalistas, atribuindo-a, exclusivamente, ao jôgo das ambições pessoais.

A verdade é, porém, nada haver de condenável, nem sequer de estranhável nessas prolelações. Decorrem da própria natureza do regime. Tudo depende do presidente nesta suposta democracia: ele é o alfa e o omega, o principio e o fim e exerce um poder incomparavelmente maior que o do antigo Imperador. O partido ou facção que dá o presidente exerce, por esta só circunstância, uma influência incontrastável na coisa pública. Que partido, pois, entregará, sem muito hesitar, ao seu competidor, este formidável instrumento de domínio que é a presidência da República? E dentro do mesmo partido, como não haver competições quanto ao correligionário que deverá receber a eminentíssima investidura, se este se torna, com ela, também o senhor do partido?

Tendo-se conferido à presidência, pela lei e pelo costume, um poder sem par, naturais e inevitáveis se fazem as hesitações no prové-la. Aquêles mesmos que, na sua impaciência, chegam a pedir ao sr. Eurico Dutra que, como Alexandre, corte o nó górdio, seriam dos primeiros a bradar contra a intervenção, se ela não se fizesse de acôrdo com os seus próprios desejos e interesses.

Quer-se resolver sem delongas e dificuldades a questão presidencial? Quer-se, sobretudo, evitar que esta questão absorva e apague tôdas as demais questões da nossa vida pública? Pois é muito simples: mude-se o regime; transforme-se em simples magistrado o rei eletivo e temporário, mas todo-poderoso, que é atualmente o presidente da República.